

Quem vota na oposição fica sem água

O voto não é secreto na cidade: os suspeitos são obrigados a votar na frente do delegado

PRESIDENTE JÂNIO QUADROS — Cada um dos 2.005 eleitores do deputado João Alves em Presidente Jânio Quadros valeu US\$ 648 de uma verba de US\$ 1,3 milhão do Ministério do Bem-Estar Social na última eleição. “Os recursos ficaram nas mãos de poucos”, diz o fazendeiro João Batista. “O povo na roça está comendo farinha com sal.”

Diante do muro com a única pichação que sobrou da campanha do deputado João Alves na cidade, o professor primário e mesário Ângelo Leite Batista admite: “Votei nele porque voto com meu patrão, o prefeito. É a Prefeitura que me paga o salário.”

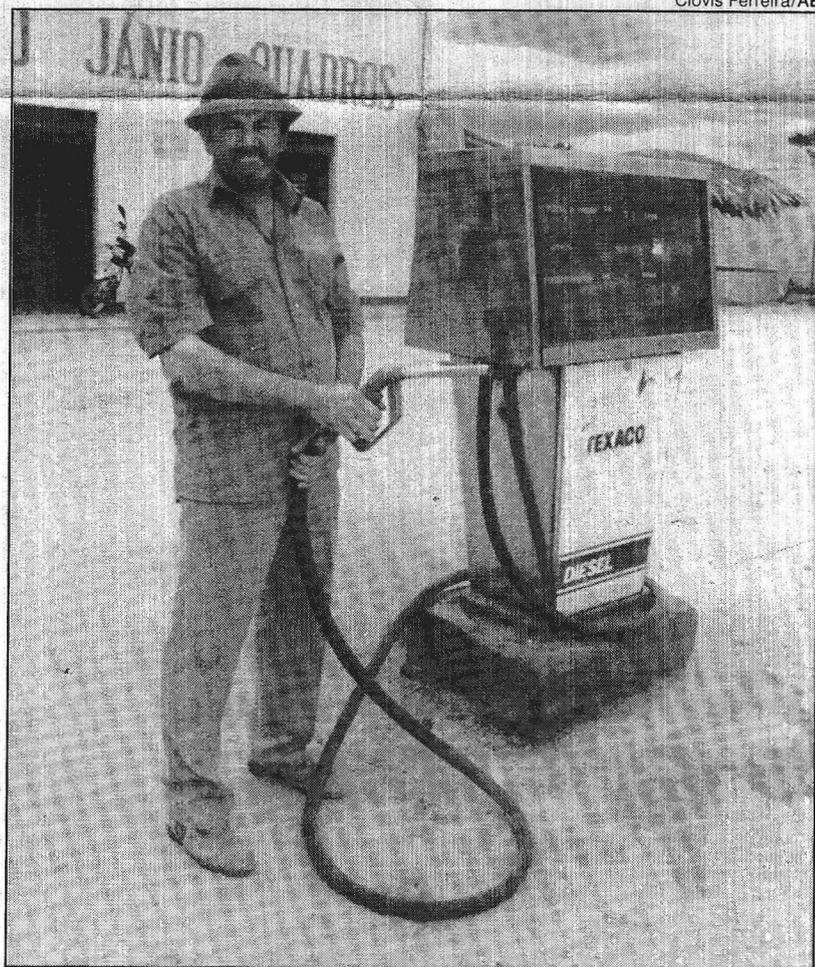
O comerciante Ângelo Viana dos Santos, irmão do ex-prefeito José Viana, explica que os cartazes com fotos de Pai João começaram a ser tirados da frente das casas depois do início do escândalo do Orçamento em Brasília. “Muita gente está envergonhada.” Até ele: “Há 20 anos jogo na Loto e nunca ganhei. Nem um terno. Aqui ninguém nunca acertou.” A Loteria Ribeiro, na praça principal, está fechada. Para ilustrar o que diz, Viana busca em sua loja uma caixa com rolos de apostas, e os desmancha como serpentinas na rua. “Nada, não ganhei nada.”

A cidade nasceu São João Alípio, há 36 anos. Foi rebatizada como Joanina. Pai João assina as placas de inauguração da maioria

das obras: o Centro Cultural, a garagem da Prefeitura, a Praça da Feira e a mini-rodoviária. E o apóstolo João assina todas as inscrições na porta e nas paredes da igreja de São João Batista: “João veio para dar testemu-

nho da luz”, “João se vestia de couro de camelo e alimentava-se de gafanhotos e mel de abelhas.” Entre dois Joões tão diferentes, o governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, dedicou Joanina ao presidente Jânio Quadros. Muitos dos 15 mil habitantes ainda não sabem quem foi o homenageado.

A cidade não produz nada. Vive do Fundo de Participação dos Municípios. E de política. “Desde 1976 que João Alves compra os chefes políticos que tocam o elei-



O posto de Odilon é concorrente do ex-prefeito: “Ele é clandestino”

torado como uma boiada”, diz o marceneiro José Aparecido. “Somos eleitores encabrestados. Se não votarmos no candidato dos prefeitos ficamos marcados.” Uma marca determina onde não passará mais o carro-pipa de água.

O voto não é secreto, em Presidente Jânio Quadros. O eleitor suspeito de oposição tem de “votar na mesa”, diante de todos. O ex-delegado Antônio Brito da Rocha se encarregou várias vezes de confirmar alguns votos duvidosos. E acabou preso na eleição de 1990, por ordem de

uma juíza eleitoral, porque não impediu uma invasão a um comércio da oposição, mas também não o proibiu, como queriam os correligionários de Pai João. Ficou no meio do fogo cruzado, sobre o muro. Agora ele se diz mudado: “Para mim, o deputado virou o próprio Satanás. Se ousar aparecer por aqui, me vingou. Prendo ele se houver algum motivo.”

O novo delegado, Manoel Dias Vieira, só anda armado aos sábados, “dia de enfrentar os cachacei-

ros”. É um eleitor de Pai João, que considera “um verdadeiro pai que ajudou muito a cidade”. Será lamentável se lhe couber a tarefa de prender o deputado algum dia. A possibilidade é remota: “O homem só esteve aqui duas vezes desde que começamos a elegê-lo em 76”, conta o marceneiro José Aparecido. “Depois, esse escândalo não vai dar em nada.”

As visitas de Pai João à cidade foram rápidas. Dormiu do aeroporto de Candeúba até a cidade. Deu uma esticada na vizinha Piripá, a 40 quilômetros por uma estrada de terra. Só comeu o almoço preparado por dona Dalva, do Hotel Dona Dalva, na casa do ex-prefeito Viana. E partiu. “Coitado dele”, diz agora a cozinheira, cortando alguns hóspedes que brincam de ameaçá-la com um futuro na cozinha de algum presidido.

As intrigas correm soltas em Presidente Jânio Quadros. “O posto de gasolina do ex-prefeito Viana não tem inscrição nem CGC, é clandestino”, acusa o concorrente Odilon Santos, dono do primeiro e não mais único posto da cidade,

bem ao lado. Ao ver uma nota fiscal com todos os números que o desmentem, ele conclui: “É falsa.” Um fazendeiro denuncia, desde que permaneça anônimo: “Aqui, quem fala morre.” E fala o que considera mortal: “O ex-prefeito Viana enriqueceu de repente.” As verbas liberadas por Pai João em Brasília “não devem ter sido empregadas devidamente por ele.”

Até hoje, em 36 anos, nenhum crime político ocorreu no lugar. E os prefeitos (o atual e o anterior) saíram cedo para Vitória da Conquis-

ta, num mesmo carro. “Fugiram da imprensa”, garantiram alguns opositores. “Partiram antes da chegada dos repórteres”, desmentiram os aliados. A cidade fica deserta sob o sol quente do meio-dia. As lojas fecham. Só a igreja permanece aberta o tempo todo esperando o padre Ladislau, que viajou há três meses para um tratamento de saúde no Exterior e pode voltar a qualquer momento.

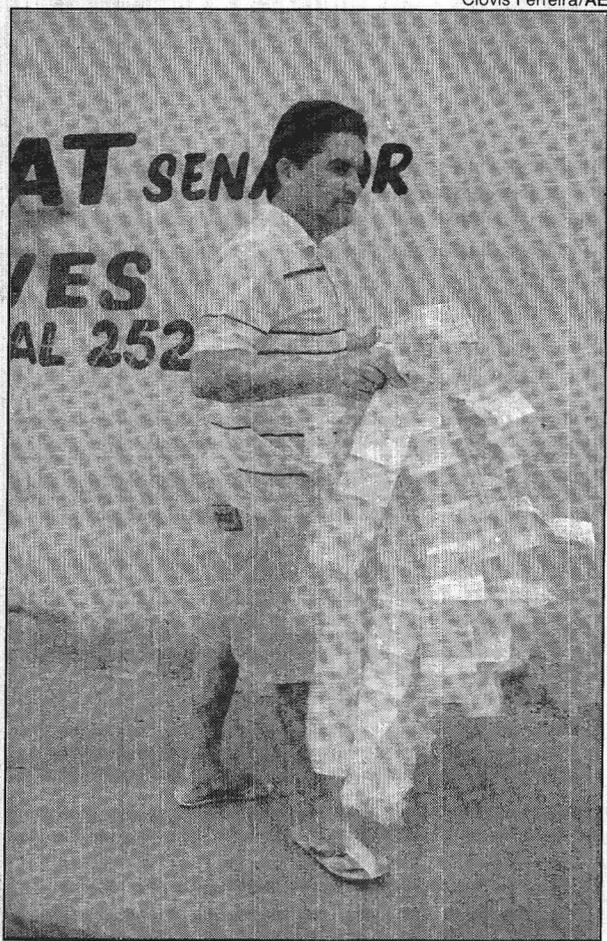
Pai João é defendido até no meio das casas populares inacabadas de Vila São José, o alvo principal da oposição. Só 20 das 200 prometidas ficaram prontas. “Um deputado tão bom”, diz o aposentado Leôncio. “Agradeço a ele a moradia.” Ele insiste que “isso aqui foi muito construído”, mas em volta só se vê um canteiro de obras abandonado. “As outras casas estão do lado de lá do morro”. Aparenta para o invisível, a área de um outro projeto.

“Aqui no sertão, o povo só é lembrado em época de eleição”, reclama o marceneiro José Aparecido. “Na eleição acontece de tudo”, confirma o fazendeiro João Batista. Exemplos lembrados numa roda de pessoas debatendo a situação de Pai João: eleitores votam com títulos de outros, candidatos dão comida a eleitores, exige-se de alguns o voto aberto, pressiona-se quem vota contra o candidato do prefeito com ameaças de corte na distribuição de água, ou prisão, e não há nenhuma fiscalização. Na última eleição foram mortos e retalhados 15 bois entre os eleitores trazidos da roça, a maioria analfabetos e miseráveis.

O professor e mesário Ângelo Leite Batista fica nervoso, mas não as desmente. Agora ele quer que “o povo julgue” o deputado João Alves, porque “na Câmara não tem ninguém que sobre”. Revoltado, promete “nunca mais votar”. Um menino, Edson Rocha Alves, ouve a conversa vestido com a camiseta da campanha de Pai João e chega a se desculpar: “Mesmo sabendo de tudo, uso a camiseta só para o trabalho. Tenho três.”

Na rua, na discussão sobre Pai João, só emerge um consenso: se ele materializar-se aqui, agora, será recebido como um herói. “Pode ser que o povo não vote mais nele”, explica o comerciante Ângelo Viana dos Santos. “Mas o respeita como a um herói.” (M.R.)

**NA ÚLTIMA
ELEIÇÃO, 15
BOIS FORAM
OFERECIDOS**



Há 20 anos Ângelo tenta ganhar na loteria

Clóvis Ferreira/AE

Clóvis Ferreira/AE